

Celina Gusmão

Interações: diálogos entre o fazer e o olhar na arte

Coleção InterAções

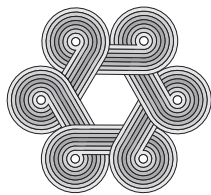


Blucher

Coordenação:

Josca Ailine Baroukh

C O L E Ç Ã O

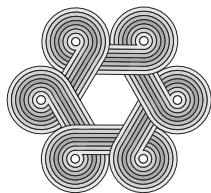


INTERAÇÕES

**Interações:
diálogos entre
o fazer e o olhar
na Arte**

Blucher

C O L E Ç Ã O



INTERAÇÕES

Celina Gusmão

Interações: diálogos entre o fazer e o olhar na Arte

Josca Ailine Baroukh
COORDENADORA

Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves
ORGANIZADORA

Interações: diálogos entre o fazer e o olhar na Arte

© 2012 Celina Gusmão

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Alba Mancini

Foto: Fernando Pião

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1.245, 4º andar
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 (11) 3078-5366
editora@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Ficha catalográfica

Gusmão, Celina
Interações: diálogos entre o fazer e o olhar na arte / Celina Gusmão; Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora. -- São Paulo: Blucher, 2012. -- (Coleção InterAções)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-0677-4

1. Arte - Estudo e ensino 2. Professores de arte - Formação profissional. I. Baroukh, Josca Ailine. II. Alves, Maria Cristina Carapeto Lavrador. III. Título. IV. Série

12-05405

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Professores : Formação profissional : Educação 370.71
2. Formação profissional : Professores de arte : Educação 370.71
3. Professores de arte : Formação profissional : Educação 370.71

À Iza e ao Oswaldo, meus pais, e ao Joaquim, meu neto.

Nota sobre a autora

Celina Gusmão tem licenciatura plena em Artes Plásticas pela FAAP desde 1980. É professora de artes visuais há 30 anos e participou de inúmeros projetos de formação de educadores em artes pelo Instituto Tomie Ohtake e pelo CEDAC. Também é ilustradora e artista plástica.

Cara professora, caro professor,

Bem-vindos ao mundo fascinante das Artes! Um universo onde podemos “navegar” por infinitas formas de linguagem, por diferentes meios de expressão.

Nele aprendemos e expressamos a nossa visão de mundo, nossas ideias, sentimentos e emoções, por meio de imagens, sons, gestos e de todos os sentidos do nosso corpo.

A Arte, em suas diferentes formas de manifestação, é uma área do conhecimento que está presente em nosso cotidiano, nas ações humanas, na construção da história e da cultura.

Para ingressar neste universo tão transformador é preciso estar atento, com os sentidos bem aguçados. Eu te convido a ingressar comigo, vamos?

Celina Gusmão

Apresentação

Educar é interagir, é agir **com o outro**, o que acarreta necessariamente a transformação dos sujeitos envolvidos na convivência. Foi esta a ideia que elegemos para nomear a coleção InterAções. Acreditamos que ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, que só terá significado e valor quando alunos e professores estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos.

Com base nessa premissa, convidamos autores e professores. Professores que conhecem o chão da sala de aula, que passam pelas angústias das escolhas para qualificar as aprendizagens das crianças, seus alunos. Professores que, em sua grande maioria, também são coordenadores de formação de grupos de professores, conversam com professores e, portanto, conhecem o que os aflige.

A esses autores, pedimos que estabelecessem um diálogo escrito sobre temas inquietantes em suas áreas de atuação. Temas que geram muitas dúvidas sobre o que, como e quando ensinar e avaliar. Temas recorrentes que, se abordados do ponto de vista de novos paradigmas educacionais, podem contribuir para a ação, reflexão e inovação das práticas de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Apresentamos nesta coleção situações de interação entre professores e crianças: exemplos, sugestões pedagógicas e reflexões. Pontos de partida para o professor repensar sua prática e proporcionar a seus alunos oportunidades de se sentirem e serem protagonistas de suas aprendizagens. Acreditamos ser importante que o professor questione sua rotina e construa um olhar apurado sobre as relações cotidianas. Estranhar o natural

estimula a criatividade, a inovação, o agir. E assim, é possível ir além do que já se propôs no ensino desses temas até o momento.

Nosso intuito é compartilhar as descobertas geradas pelo movimento de pesquisa, reflexão e organização do conhecimento na escrita dos autores. E proporcionar ao professor leitor a experiência de um “olhar estrangeiro”, de viajante que se deslumbra com tudo e que guarda em sua memória os momentos marcantes, que passam a fazer parte dele. Queremos animar em nosso leitor a escuta atenta e estimular suas competências técnicas, estéticas, éticas e políticas, como tão bem explica Terezinha Azeredo Rios.

Em meio às dificuldades de ser professor na contemporaneidade, os profissionais da educação persistem na criação de planejamentos e ações que promovam as aprendizagens de seus alunos. Aos desafios, eles apresentam opções e são criativos. É para esses profissionais, professores brasileiros, e para seus alunos, que dedicamos nossa coleção.

Boa leitura!

Josca Ailine Baroukh

Sumário

1	Vamos conversar sobre Arte?	17
2	A Arte está presente no cotidiano ou o cotidiano está presente na Arte?.....	25
3	Movimentos de vanguarda artística do século XX	29
3.1	Impressionismo	29
3.2	Pós-impressionismo	31
3.3	Simbolismo	36
3.4	Expressionismo	38
3.5	Fovismo	43
3.6	Cubismo	44
3.7	Futurismo	50
3.8	A Abstração e a Vanguarda Russa.....	51
3.9	Vanguarda Russa	53
3.10	Dadaísmo	56
3.11	Surrealismo.....	58
3.12	O Modernismo no Brasil – A Semana de 22	63
3.13	Mais artes.....	68

4	Somos brasileiros? Arte Popular Brasileira – presença viva no cotidiano.....	81
4.1	O papel da Arte no desenvolvimento cultural ..	82
4.2	As influências das diferentes culturas na formação da nossa identidade.....	87
5	O olhar, a leitura, a fruição, a análise de obras.	103
6	A função da Arte	107
7	Modalidades artísticas	111
7.1	Linguagem bidimensional: desenho, pintura, colagem, gravura (técnicas de impressão).....	111
8	Vamos desenhar?	131
8.1	O exercício de observação	131
8.2	O exercício de memória	135
9	A pintura – Que beleza é esta?.....	151
9.1	A cor, a forma, a composição, a pintura	151
9.2	As paisagens brasileiras e a pintura.....	160
9.3	Colagem	169
10	A gravura e os processos de impressão	177
10.1	Monotipia.....	177
10.2	A xilografia	179

10.3	Gravura em metal.....	182
10.4	Gravura na pedra.....	182
10.5	Serigrafia.....	183
10.6	Carimbo	183
11	A linguagem tridimensional – As coisas, os objetos, as esculturas, as instalações, o espaço.....	189
11.1	A escultura como manifestação artística	191
11.2	O Barroco no Brasil – marco importante na história da arte brasileira	198
11.3	Arte Moderna.....	202
11.4	Neovanguardas brasileiras	210
12	O que define uma obra de Arte Contemporânea?	215
12.1	E o que são as instalações?.....	218
12.2	<i>Land Art</i> e arte pública	220
12.3	A escultura e os objetos utilitários (ou artefatos) na produção de Arte Popular Brasileira.....	223
13	O que separa arte popular de artesanato?	225
13.1	A cerâmica na arte popular e na produção artesanal	227
13.2	Cerâmica utilitária.....	237
13.3	As esculturas e os objetos de madeira.....	239

13.4	<i>Assemblages</i> , brinquedos e engenhocas	243
13.5	Esculpir, modelar, construir.....	247
13.6	Criação de uma instalação ou intervenção no espaço público	273
14	Compartilho um relato	275
	Referências bibliográficas	279

1 Vamos conversar sobre Arte?

Para sermos professores de Arte precisamos estudar várias disciplinas na faculdade. Então, cheios de expectativas, adentramos a sala de aula e encontramos crianças curiosas, ávidas por conhecimentos. Mas, do que mesmo devemos tratar? É possível ensinar Arte? É possível aprender arte? Que aspectos ou que conteúdos podem ser abordados? E quais as expectativas, os objetivos que temos como norte?

Para início de conversa, é importante entender o que hoje chamamos de arte. Será que na Antiguidade, na Idade Média, na Modernidade e nos dias de hoje a definição se mantém? Ou será que, por sermos seres gregários e culturais, os sentidos e significados das palavras vão se modificando, forjando-se no tempo e no espaço histórico?

Se estamos em sala de aula nos dias de hoje, de que definição de arte vamos tratar? Iniciamos com Boff (2000), que nos diz que:

todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem

convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

Essa definição já nos ajuda a entender como a percepção de uma pessoa define ou não uma obra de arte. É fato que o olhar da pessoa carrega sentidos construídos em sua vivência, em sua história, mas apenas isso não nos basta para definir arte para nossos alunos. Por isso, levantamos mais algumas definições constituídas ao longo da história.

Em sua obra “*Os problemas da Estética*” (1997), Pareyson¹ elenca três definições para arte: **como fazer**, **como conhecer** ou **expressimir**. Segundo ele,

estas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem uma às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras. Mas permanecem em definitivo, as três principais definições de arte.

Na Antiguidade, prevalecia a ideia do **fazer**, que tinha como característica o “aspecto executivo e manual” – não se fazia uma distinção entre arte e o ofício ou a técnica do artesão.

No século XIX, com o Romantismo, prevaleceu a ideia da arte como forma de se expressimir, onde a beleza da arte consistia na beleza da **expressão**. Para Pareyson, a arte tem um caráter expressivo na medida em que a espiritualidade e a personalidade de quem se propõe a fazê-la se fazem presentes neste fazer, por

¹ Luigi Pareyson (1918-1991) foi um dos mais importantes filósofos do século XX. Grande pensador e mestre de autores consagrados como Humberto Eco, Pareyson nasceu na Itália e desde muito jovem demonstrou interesse pela filosofia. Curso e lecionou na Universidade de Turim. Lecionou também na Universidade Nacional de Cuyo, na Argentina. Exerceu uma importante atividade política em seu país na luta contra o fascismo.

meio das emoções, sentimentos, sensações pensamentos. Mas ela não pode se resumir a isso.

Entretanto, não se deve definir a arte somente enquanto expressão. Ela é **também** expressão.

A obra de arte é expressiva enquanto é forma... A forma é expressiva enquanto o seu *ser* é um *dizer*, e ela não tanto *tem* quanto antes é um significado. (PAREYSON, 1997)

Quanto à concepção de arte como conhecimento, trata-se de uma ideia que acompanha o pensamento ocidental que interpreta arte como conhecimento, visão, contemplação, reflexão e apreciação, para alguns pensadores. Esta concepção torna irrelevante a execução da imagem interior, ela não é exteriorizada, ou seja, “a arte ignora qualquer outro fazer que não seja aquele implícito no próprio conhecer”. Mas, para o artista, “a obra exige ser feita, realizada”.

Ainda de acordo com Pareyson (1997), a Arte revela,

frequentemente, um sentido das coisas e faz com que um particular fale de um modo novo e inesperado, ensina uma nova maneira de olhar e ver a realidade; estes olhares são reveladores sobretudo porque são construtivos, como o olho do pintor, cujo ver já é um pintar e para quem contemplar se prolonga no fazer.

Pareyson é o criador da teoria da formatividade. Arte não se limita ao fazer ou ao realizar. Ela é também **invenção**. O fazer e a invenção acontecem simultaneamente no processo de criação. O projeto se dá com o fazer, a concepção se dá com a execução, a regra se dá com a operação, pois:

[...] a arte é também invenção. Ela não é execução de qualquer coisa já ideada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. Ela é um tal fazer que enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A arte é uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu* simultâneas e inseparáveis, na qual o incremento de realidade é constituição de um valor original. [...]

[...] pode dizer-se que a atividade artística consiste propriamente no formar, isto é, exatamente num executar, produzir, que é, ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir [...]. (PAREYSON, 1997)

Estas concepções possuem os caracteres essenciais da arte, mas não podem ser isoladas entre si e “absolutizadas”. Elas estão juntas, são simultâneas, mas podem ocorrer em diferentes intensidades, em diferentes graus. A atividade artística é uma atividade humana que, além do fazer, é conhecimento e expressão.

É uma área do conhecimento onde o pensamento se dá e é expresso em imagem nas mais diferentes formas de linguagens visuais: desenho, pintura, grafite, fotografia, vídeo, cinema, escultura, instalação, *performance* e até por meio de novas mídias, como o computador ou o celular.

Sobre fazer arte...

[...] Quando pinto, meu objetivo é para mostrar o que encontrei, e não o que estou procurando. Na arte, as intenções não bastam... O que conta é o que fazemos, não o que tivemos a intenção de fazer [...] (PICASSO apud CHIPP, 1996).

[...] Um quadro não é pensado e fixado de antemão. Enquanto produzimos, ele segue a mobilidade do pensamento. Depois de terminado ele continua a mudar, conforme o estado

daquele que o contempla. Um quadro vive sua vida como um ser vivo, sofre as mudanças que a vida cotidiana nos impõe. Isto é natural , já que o quadro só vive graças àquele que o contempla[...] (PICASSO apud CHIPP, 1996).



Picasso pintando

[...] Busco, antes de tudo, a expressão... Mas não se deve considerar o pensamento de um pintor fora de seus meios, pois ele só tem valor na medida em que é servido por meios que deverão ser mais completos (e por completos não entendo complicados) quanto mais profundo for seu pensamento. Não posso distinguir entre o sentimento que tenho da vida e a maneira como o traduzo [...] (MATISSE apud CHIPP, 1996). ■



Matisse pintando

Sobre o ensino da arte

Quando ensinamos Artes Visuais, temos de levar em consideração três aspectos fundamentais, que estão relacionados aos aspectos mencionados anteriormente: o fazer, o conhecimento, o exprimir e a “formatividade”.

Segundo a Proposta Triangular para o Ensino das Artes Visuais apresentada por Ana Mae Barbosa, em 1987, e adotada pelo Parâmetros Curriculares Nacionais, são eles:

- O **fazer** e o refletir sobre o fazer – estimular o fazer do aluno propondo desafios, experimentações e investigações e a reflexão sobre as suas escolhas, sobre o processo de realização de uma ideia, sobre a produção;
- A **apreciação** – estimular e desenvolver nos alunos a competência de leitura e apreciação das próprias imagens, das imagens dos colegas, dos adultos, de artistas. Estabelecer relações entre as formas, perceber as características da composição da obra, perceber a temática abordada pelo artista e as questões que ele coloca;
- A **História da Arte** – através da História da Arte e da contextualização das obras de diferentes artistas de épocas, regiões e culturas diferentes, o aluno, por meio do exercício de apreciação, poderá estabelecer novas relações com a arte, buscar novos significados, poderá fazer novas descobertas, procurando “entender seu lugar na cultura através do tempo”, como propõe Paulo Freire, exercitando a sua capacidade crítica.

Aprender Arte envolve a ação em distintos eixos de aprendizagem: fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da Arte, contextualizando os objetos artísticos e seus conteúdos. (IAVELBERG, 2003)

É com base nesse referencial que vamos dialogar ao longo deste livro. Nosso tema é a Arte, com enfoque nas artes visuais.

Assim, não deixaremos de trazer as interseções entre as várias linguagens artísticas que se estabelecem nos dias de hoje na produção artística.

As sugestões aqui propostas possibilitam a incursão do aluno no universo das Artes e suas diferentes formas de linguagem. O professor poderá transformá-las, virá-las de todos os lados e utilizá-las, ou não, com base no conhecimento que tem de seus alunos, para traçar novas rotas, percursos e direções que possibilitem novas investigações, experimentações, indagações, descobertas e desafios para a ampliação do vocabulário expressivo de todos. As suas experiências pessoais, seu conhecimento, as vivências com seus alunos são matéria-prima para seu ofício de leitor e proponente de novos percursos – sabendo onde quer chegar, mas sem saber por onde vai passar. Ou seja, ter intencionalidade, e permitir que os caminhos se abram.

Como dizia Antonio Muchado y Ruiz, espanhol,

Caminhante²

Caminhante, são tuas pegadas
O caminho, e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
Se faz o caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho
E ao olhar para trás
Vemos a senda que nunca
Voltaremos a pisar.
Caminhante, não há caminho,
Apenas uma trilha no mar.

É muito importante estar atento ao olhar, à escuta, ao gesto e propor investigações para que os alunos estabeleçam relações entre as diversas linguagens das Artes e as relações dessa área

² Poema original *Caminante*, tradução de Josca Ailine Baroukh.

com as demais áreas do conhecimento, para o enriquecimento do trabalho com os alunos.

É preciso fortalecer, a todo momento, a relação entre *o que quero fazer, como fazer e o que quero dizer*, ou seja, a relação entre *intenção (ideia), forma e conteúdo*, tão fundamental no fazer artístico. ■